

TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS
O exemplo da imprensa na
França e no Brasil



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: João Grandino Rodas

Vice-reitor: Hélio Nogueira da Cruz



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente: Plínio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente: Rubens Ricupero

Vice-presidente: Carlos Alberto Barbosa Dantas

Antonio Penteadó Mendonça

Chester Luiz Galvão Cesar

Ivan Gilberto Sandoval Falleiros

Mary Macedo de Camargo Neves Lafer

Sedi Hirano

Editora-assistente: Carla Fernanda Fontana

Chefe Téc. Div. Editorial: Cristiane Silvestrin

VALÉRIA GUIMARÃES
organizadora

TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS
O exemplo da imprensa na
França e no Brasil

tradução:
Katia Aily Franco de Camargo



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Transferências culturais : o exemplo da imprensa na França e no Brasil
/ Valéria Guimarães, organizadora . -- Campinas, SP : Mercado de
Letras ; São Paulo : Edusp, 2012.

Vários autores.

ISBN 978-85-314-1328-5 (Edusp)

ISBN 978-85-7591-216-4 (Editora Mercado de Letras)

1. Artigos – Coletâneas 2. Identidade nacional 3. Imprensa – Brasil
4. Imprensa – Brasil – História 5. Imprensa – França 6. Imprensa –
França – História 7. Intercâmbios 8. Relações culturais I. Guimarães,
Valéria.

12-02603

CDD-079

Índices para catálogo sistemático:

1. Transferências culturais no âmbito da imprensa : História 079

Copyright – L'Harmattan

tradução: Katia Aily Franco de Camargo

revisão da tradução: Valéria Guimarães

revisão: Mariana Marquez Moraes

Rafael Alves de Sousa

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

Imagem da capa: Capa da *Revista brasileira*

Fon-Fon – revista semanal ilustrada,

Rio de Janeiro, número 18, 03/05/1930.

Arquivo de Obras Raras da

"Biblioteca Mário de Andrade", São Paulo.

Edusp - Editora da Universidade de São Paulo

Av. Corifeu de Azevedo Marques, 1975, térreo

05581-001 - Butantã - São Paulo - SP - Brasil

Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150

SAC (11) 3091-2911 - Fax (11) 3091-4151

www.edusp.com.br - e-mail: edusp@usp.br

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

ABRIL/2012

– IMPRESSO NO BRASIL –

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

AGRADECIMENTOS

Este livro foi realizado com a participação de vários colegas e meus agradecimentos vão, inicialmente, para todos aqueles que colaboraram com artigos.

No entanto, nem a Jornada de Estudos que lhe deu origem, nem este livro seriam possíveis sem o incentivo de Diana Cooper-Richet e de Christian Delporte. Para estes, meus agradecimentos especiais pelas orientações e pela participação no projeto original.

Agradeço imensamente Jean-Yves Mollier e Hinnerk Bruhns que desde o início demonstraram grande interesse pelo projeto.

Gostaria também de agradecer a Lise Andries, Dominique Kalifa et Marie-Ève Thérenty pela ajuda nos preparativos da Jornada de Estudos e àqueles que indiretamente são responsáveis por esta realização: Marcelo Januário, Tatiana Angelini, Laurent Bazin, Afrânio Garcia, Marion Aubrée e Neli Dobrevá.

E, finalmente, agradeço ao apoio do CHCSC-UVSQ e da FMSH.



SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	9
<i>Tania Regina de Luca</i>	
PREFÁCIO À EDIÇÃO FRANCESA	13
<i>Jean-Yves Mollier</i>	
INTRODUÇÃO	17
<i>Diana Cooper-Richet e Valéria Guimarães</i>	
ABORDAGENS METODOLÓGICAS	
1. IDENTIDADE E ALTERIDADE NACIONAIS: TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS NA IMPRENSA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX	25
<i>André Caparelli</i>	
2. A IMPRENSA COMO MODELO DE CONSTRUÇÃO NACIONAL: ALGUMAS HIPÓTESES METODOLÓGICAS	39
<i>Lise Andries</i>	

3. IMPRESSOS SEM FRONTEIRAS NO SÉCULO XIX (FRANÇA/ ESPANHA/ AMÉRICA LATINA)	55
<i>Jean-François Botrel</i>	
4. O TEXTO IMPRESSO – GUARDIÃO DA ORALIDADE	73
<i>Jerusa Pires Ferreira</i>	
OS EXEMPLOS DE TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS ENTRE A FRANÇA E O BRASIL	
5. AS REVISTAS PORTUGUESAS PUBLICADAS EM PARIS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX	89
<i>Diana Cooper-Richet</i>	
6. UMA REVISTA ENTRE TRÊS MUNDOS	101
<i>Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos</i>	
7. FRANÇA E BRASIL: TRANSFERÊNCIAS DA CRÔNICA E DO FOLHETIM-VARIEDADES	115
<i>Lúcia Granja</i>	
8. OS <i>FAITS DIVERS</i> NA IMPRENSA DO BRASIL E DA FRANÇA	135
<i>Valéria Guimarães</i>	
CONCLUSÃO	157

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Tania Regina de Luca

Vivemos desde que existimos como nação, quer no Império, quer na República, sob a tutela direta ou indireta, senão política ao menos moral, do estrangeiro. Pensamos pela cabeça do estrangeiro, comemos pela cozinha estrangeira e, para coroar essa obra de servilismo coletivo, calamos, em nossa pátria, muitas vezes, dentro de nossos lares, a língua materna para falar a língua do estrangeiro! A nossa vida é, no seu aspecto geral, e de um certo período para cá, a marcha incerta e lenta, desgraciosa e constrangida, de um povo que a cada passo que avança se volta, inquieto, para a estrada de onde o estrangeiro o está contemplando a procurar, da massa fria dos espectadores indiferentes, o sorriso de aprovação que lhe dê alento para seguir. Revista do Brasil, vol. 1, n.º 1, p. 2, jan. 1916.

O excerto acima, extraído do manifesto-programa da *Revista do Brasil*, expressa a preocupação que, por décadas

a fio, atormentou os que se colocavam o desafio de definir a nação brasileira, perscrutar suas características, avaliar a trajetória e o lugar ocupado pelo país em âmbito internacional. Aos olhos desses analistas, a comparação nos era francamente desfavorável, uma vez que nos encontrávamos numa posição de subalternidade frente aos países bem sucedidos – leia-se França, Inglaterra, Alemanha e também os Estados Unidos. E isso não apenas do ponto de vista econômico e político, mas igualmente no que tange à produção cultural. Da vestimenta à filosofia, dos hábitos alimentares aos modelos políticos, tudo viria de fora, “no último pacote”, para retomar uma fórmula tantas vezes repetida.

À distância de quase um século, o tom da denúncia soa exagerado e melodramático, mas ainda é capaz de despertar certo incômodo. Afinal, parte significativa da produção brasileira no campo das humanidades parece compartilhar, de forma mais ou menos explícita, perspectivas que insistem na nossa dependência do exterior e na noção de falta ou incompletude. Não é raro que processos econômicos, culturais, políticos ou sociais sejam confrontados com exemplos tidos como ideais, restando avaliar o quanto nos aproximamos ou ainda estamos distantes dos mesmos. Nossos relógios estariam, sempre, atrasados...

O conjunto de textos que compõe a presente coletânea é um convite para explorar outras possibilidades. Inspirados num quadro conceitual que coloca em questão a comparação no seu sentido tradicional, qual seja, tomada enquanto instância isolada de confrontação entre situações pré-determinadas, os diferentes autores interrogam-se sobre os cruzamentos, as interações e as transferências culturais ocorridas em diferentes espaços nacionais (França, Portugal, México e Brasil), tendo como ponto de interseção a imprensa.

Ao colocar no centro da cena a questão da inter-relação, entendida como um campo de possibilidades, alarga-se

a interpretação para além da imposição da versão/visão de um dos lados, normalmente tida como dominante: reciprocidades, múltiplas influências, mestiçagem e modificações passam a compor o horizonte interpretativo, numa geometria variável na qual os vetores e as linhas de força tomam direções antes insuspeitadas e afetam ambas as partes – e não apenas uma delas.

A imprensa revelou-se uma escolha particularmente feliz, seja pelo seu carácter de empreendimento coletivo, marcante no século XIX e início do XX, período no qual se concentram as análises, seja pelo fato de seus produtos circularem num espaço transnacional, a cargo de um rol diversificado de mediadores, cuja ação concreta é objeto de reflexão em todos os capítulos. Ao lado de novas questões no âmbito específico da História da imprensa e dos impressos, o conjunto que o leitor tem em mãos traz contribuições importantes para pensar a problemática das trocas e das assimetrias, o que extrapola o mundo dos periódicos.



PREFÁCIO À EDIÇÃO FRANCESA

Jean-Yves Mollier

O presente volume aborda a questão das transferências culturais no âmbito da imprensa (séculos XIX e XX) sob o ângulo da história comparada aplicada às relações Brasil-França. Trata-se do resultado de uma Jornada de Estudos realizada na Universidade de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (UVSQ) em 12 de fevereiro de 2009, sob os auspícios do Centre d'histoire culturelle des sociétés contemporaines (CHCSC) e de Valéria Guimarães, pesquisadora brasileira em estágio pós-doutoral na Fondation Maison des sciences de l'homme (FMSH) de Paris e na UVSQ, e que se inscreve em uma longa série de encontros entre este laboratório de ciências humanas e as universidades brasileiras.

Iniciada em outubro de 1999 com três acontecimentos concomitantes: um colóquio na Université de Versailles de Saint-Quentin-en-Yvelines sobre a circulação dos almanaques na Europa e nas Américas entre os séculos XVII, XX e

dois outros sobre o mesmo tema no Brasil. O primeiro aconteceu em novembro de 1999, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o segundo, na Biblioteca Latino-Americana Victor Civita do Memorial da América Latina de São Paulo, a estes seguiram vários outros intercâmbios. A publicação de dois livros, *Do Almanack aos Almanques* (Meyer 2001) e *Les Lectures du Peuple en Europe et dans les Amériques du XVII^e au XX^e siècle* (Lüsebrink et. al. 2003), que são o resultado dessas trocas, precedeu o quarto encontro, realizado em abril de 2003.

Organizado por Eliana de Freitas Dutra e Jean-Yves Mollier aconteceu, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Belo Horizonte, o quarto encontro que, por sua vez, também resultou em uma publicação: *Política, Nação e Edição. O lugar dos impressos na construção da vida política* (Dutra e Mollier 2006), importante contribuição para a questão da construção dos nacionalismos na história.

Um ano mais tarde, em novembro de 2004, foi a vez de Aníbal Bragança organizar, em Niterói (RJ), na Universidade Federal Fluminense (UFF), o *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História* cujas atas foram disponibilizadas pelo site do LIHED.¹ O *II Seminário brasileiro sobre o livro e história* aconteceu em junho de 2009, alguns meses após a Jornada de Estudos de Saint-Quentin-en-Yvelines sobre as transferências culturais no campo da imprensa e, além disso, entre 2004 e 2009, numerosos pesquisadores brasileiros vieram trabalhar nesta Universidade, reforçando os elos de amizade e os intercâmbios científicos entre as universidades brasileiras e o Centre d'histoire culturelle des sociétés contemporaines.

É, na verdade, sob este novo ângulo decisivo da história cultural, que se apoia sobre o estudo das sociedades concernentes, que foram produzidas as trocas e construídas

1. Consultar em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br>.

as relações de parceria. A civilização do impresso foi, num primeiro momento, privilegiada, seja a do jornal, da revista ou do livro, do almanaque ou *Almanak a Tristes Trópicos* para citar um dos livros mais conhecidos, mas o rádio, a televisão, o cinema também se inserem inteiramente no campo de estudos que procura envolver as equipes responsáveis por essas transferências. Não é, de forma alguma, casual se, no momento da Jornada de Estudos de fevereiro de 2009, e nas atas deste volume, encontramos os pioneiros desses encontros: Jerusa Pires Ferreira, do lado brasileiro, que simboliza a união da PUC de São Paulo e da USP já há dez anos, ou ainda Lise Andriès, Jean-François Botrel e Diana Cooper-Richet que estavam presentes tanto em Saint-Quentin-en-Yvelines quanto em Campinas e São Paulo, assim como este prefaciador, que, por sua vez, também esteve em Belo Horizonte e Niterói em 2003 e 2004.

Outros pesquisadores os acompanham aqui, prova da vitalidade desses intercâmbios, de sua fluidez e capacidade de reunir outras energias, de se enriquecer com outros olhares. Aquele dos colegas mexicanos, presentes em Belo Horizonte, alimentou outras interrogações, paralelas, sobre a questão dos nacionalismos; aqueles, principalmente dos alemães, que estiveram na base de outros encontros realizados nas Universidades de Montpellier, de Saarbrücken, ou no Instituto Mora, no México, prova da vitalidade dessas trocas funcionando como uma espécie de rizoma alimentando, por sua vez, outros campos.

Longe de se limitar aos estudos dos países organizadores desses encontros, o Brasil e a França, essas jornadas de estudos e colóquios tentaram, na verdade, abordar os fenômenos de circulação das obras e de seus suportes, assim como as transferências, em uma perspectiva ampla, incluindo Portugal, evidentemente, mas também a Grã-Bretanha,

tamanha a importância deste país no século XIX, os Estados Unidos, o México, a Alemanha e a Espanha.

Trabalhando sobre escritos e impressos, da *literatura de cordel* dos *trovadores baianos* de hoje às revistas mais prestigiadas, como, por exemplo, a *Revue des Deux Mondes* de outrora, e os romances de Dickens ou de Alejandro Dumas, como era conhecido na América Latina, os pesquisadores envolvidos nesses intercâmbios se questionam também sobre a passagem da oralidade à escrita ou, atualmente, dos *faits divers* aos *reality shows* precedidos pelas telenovelas. Isso significa que o campo de suas investigações não é fechado e que esse encontro de Saint-Quentin-en-Yvelines será seguido de muitos outros, tão proveitosos, se espera, quanto os precedentes e também com a mesma vontade de reforçar os laços que unem os pesquisadores dos dois continentes.

Bibliografia

- DUTRA, Eliana de Freitas e MOLLIÉ, Jean-Yves (dir.) (2006). *O lugar dos impressos na construção da vida política*. Belo Horizonte: Annablume.
- LÜSEBRINK, Hans-Jürgen; MIX, York-Gothart; MOLLIÉ, Jean-Yves e SOREL, Patricia Sorel (2003). *Les lectures du peuple en Europe et dans les Amériques du XVII^e au XX^e siècle*. Bruxelas: Complexe.
- MEYER, Marlyse (coord.) (2001). *Do almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial e Fundação Memorial da América Latina.

INTRODUÇÃO

Diana Cooper-Richet
Valéria Guimarães

A revolução científico-tecnológica, a industrialização, o desenvolvimento dos transportes e a urbanização foram acompanhados, nas últimas décadas do século XIX, pela emergência de uma classe média, moderna e cosmopolita, ávida de novos produtos de consumo – dentre os quais a imprensa, vetor de uma opinião pública em via de standardização. Esta massificação não deve mascarar as particularidades que perduram em certos contextos nacionais, como aqueles que existiram nas antigas colônias da América do Sul.

No Brasil, a chegada da corte portuguesa criou, no início do século XIX, condições para o desenvolvimento da imprensa periódica. O mercado editorial vê então seu papel se ampliar, principalmente no Rio de Janeiro. Com o *boom* da produção cafeeira, a abolição da escravidão em 1888, a chegada ao poder dos republicanos em 1889, a explosão

demográfica de cidades, como o Rio de Janeiro, mas, principalmente, São Paulo, novas formas de pensar vieram à luz marcando a entrada desse país na modernidade. Essas sensibilidades emergentes se traduziram em uma transformação das práticas culturais no espaço urbano, especialmente em uma prática de leitura da imprensa, cada vez mais disseminada.

Ora, desde o início do século XIX até os anos de 1950, os maiores órgãos da imprensa brasileira – cotidianos, semanários, revistas – seguiram o “estilo francês”, a despeito da presença, no país, de outros tipos de jornais provindos de Portugal, Inglaterra e Estados Unidos, nos quais homens de letras e jornalistas poderiam, igualmente, ter se inspirado. A matriz francesa continuará, no entanto, a ser uma referência fundamental, tanto no que diz respeito aos temas quanto à diagramação, assim como em relação às imagens e desenhos, e a certos textos que se encontram reproduzidos em versão quase original nos jornais brasileiros, após terem sido aclimatados de maneira a satisfazer os leitores do Novo Mundo.

O presente livro reúne os textos, revisados e ampliados, apresentados na jornada de estudos “As transferências culturais no domínio da imprensa: o exemplo da França e do Brasil” que aconteceu no dia 12 de fevereiro de 2009 no Centre d’histoire culturelle des sociétés contemporaines da Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines,¹ organizada por Diana Cooper-Richet e Valéria Guimarães, e é o fruto de uma longa colaboração entre pesquisadores brasileiros e franceses² especialistas na história do livro e das

1. Com o apoio da Fondation Maison des sciences de l’homme (FMSH) e do Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain (CRBC) da l’École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris.
2. Esses pesquisadores pertencem a diferentes instituições: CHCSC/ UVSQ, CRBC/ EHESS, Universidade de Montpellier III, Universidade de Rennes e também a UNESP, USP e PUC-SP.

mídias, da leitura e da edição. Esta cooperação motivou, ao longo dos anos, certo número de encontros científicos e de publicações comuns, nas quais a história dos periódicos, assim como a das transferências culturais transatlânticas para as quais eles abriram perspectivas, foram pouco abordadas. Dessa *terra incógnita*, desses diálogos e dessas trocas características do século XIX, essa coletânea propõe uma primeira exploração.

A presente obra é composta de duas partes. A primeira, *Abordagens Metodológicas*, visa mensurar a pertinência dos conceitos elaborados – mais particularmente o de transferência cultural – por Michel Espagne e Michael Werner, no caso latino-americano. André Caparelli salienta a importância da alteridade para as trocas culturais e para a construção da identidade no Brasil. Lise Andries oferece algumas hipóteses metodológicas para o estudo da imprensa como modelo de construção nacional, enquanto Jerusa Pires Ferreira mostra as múltiplas matrizes das transferências entre o Brasil e a França. A noção de impressos sem fronteiras é analisada por Jean-François Botrel.

A segunda, *Os Exemplos de Transferências Culturais França-Brasil*, apresenta certo número de estudos de caso, que são o resultado de pesquisas pioneiras sobre as transferências culturais transatlânticas, no campo da imprensa, em direção e a partir do Brasil. Sandra Vasconcelos retoma a questão do papel da *Revue des Deux Mondes* como mediadora cultural entre continentes, Valéria Guimarães e Lúcia Granja abordam as transferências nos campos dos *faits divers* e do folhetim, respectivamente e, enfim, Diana Cooper-Richet evoca as transferências às avessas induzida pela imprensa em português produzida em Paris.

Os artigos desta obra atestam a especificidade e a pertinência do conceito de transferência cultural, assim como dos progressos que sua aplicação permite em relação

ao comparatismo tradicional, mesmo que a história da imprensa, pelo seu caráter universal, não possa ser empreendida sem que haja comparação entre os diferentes modelos. Para Michel Espagne, a pesquisa atual “deve parar de se consagrar à identidade nacional e [...] fazer eclodir o quadro” da historiografia comparada (1994, p. 112). Pois, se a imprensa é um dos lugares de construção da identidade nacional, esta não pode se edificar a não ser em relação “à alteridade” uma vez que “... o elemento do nacional tem, ele próprio, um fundamento intercultural” (Espagne e Werner 1994, p. 7). A esse respeito, certos textos deste volume evidenciam a complexidade das trocas, entre Europa e América Latina, e os múltiplos produtos editoriais originais nos quais essas interações resultaram. Esses estudos confirmam, igualmente, o papel privilegiado da imprensa do século XIX como mediador cultural, assim como a existência, no mundo ocidental, de circuitos integrados de informação.

Mapear os caminhos tomados pelas notícias e pelos textos, sejam diretos – da França para o Brasil, como no caso da *Revue des Deux Mondes* – ou indiretos – após passagem por Portugal ou por outros países europeus – constitui uma das maneiras de evidenciar as novas práticas culturais e de perceber as implicações das representações originais as quais elas motivaram. Perscrutar as transferências que aconteceram entre a imprensa francesa e a brasileira no campo da prática jornalística, através do “estilo”, dos conteúdos – traduções e adaptações de artigos extraídos das publicações parisienses – da comparação dos formatos, do estudo da organização redacional em seções ou em rubricas, da análise da evolução da paginação e da formatação, da pesquisa do lugar e dos tipos de publicidade, se constituem em algumas das pistas de pesquisa que poderão permitir, futuramente, avaliar as trocas recíprocas entre modelos editoriais.

A imprensa brasileira não se constituiu, portanto, de maneira autônoma, mas, ao contrário, como um sistema de inter-relações, no seio do qual a intensa atividade dos mediadores – escritores, jornalistas, livreiros, intelectuais, tradutores e viajantes, ou seja, homens de letras em geral – ocupa um lugar central. Além disso, as transferências culturais nunca acontecem em sentido único, como mostra a existência em Paris, no século XIX, das revistas intelectuais em português cuja herança, cultural e jornalística, provém tanto da França, do Brasil quanto de Portugal, e está claro que todos esses processos de mestiçagem vieram enriquecer e dar à imprensa brasileira sua identidade e suas particularidades, para *in fine* fazer dela um vetor completamente singular.

